Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

Artigo

Perfil da automedicação no município de Patos - PB

Self-medication profile in the city of Patos - PB

Ednaldo Queiroga de Lima[1]

Rui Pontes Filho[2]

Ednaldo Queiroga Filho[3]

Brisa Garcia da Nobrega[4]

Rayssa Mendes Cavalcanti[4]

Vicente Jadson Gregório Freitas[4]

Layanne Soyara Bidô Alves[4]

Alana Sonaly Benicio do Nascimento [4]

RESUMO - A automedicação tal como a prescrição errônea de medicamentos, pode acarretar muitos prejuízos e consequências, como efeitos indesejáveis, iatrogenías e o mascaramento de doenças evolutivas, representando um importante problema a ser prevenido. Os dados apresentados fazem parte de uma pesquisa traçada na cidade de Patos-PB em escolas da rede pública de ensino, tendo como objetivo traçar um perfil da automedicação e dos medicamentos mais utilizados por adolescentes, na faixa etária de 15 e 20 anos. Os analgésicos, antiinflamatórios não esteroides e antibióticos estão entre as drogas mais utilizadas na prática odontológica. Havendo assim uma relação direta com os resultados alcançados, em que além dos xaropes pra tosse (19%), antiinflamatórios (16%), analgésicos (13%) e antibióticos (12%) são os mais consumidos pela amostra. Sugerindo assim que a automedicação reflete as características e hábitos da população, e é consideravelmente influenciada por prescrições antigas, que tem na reutilização ou utilização incorreta sua qualidade prejudicada, pela

[1] Farmacêutico Bioquímico, D.Sc., Professor Associado da Universidade Federal de Campina Grande. Caixa Postal 064, CEP 58700-970, Patos (PB). equeiroga.lima@gmail.com
[2] Médico clínico geral, Patos (PB). ruypontes@gmail.com

[3] Acadêmico de Medicina, Faculdade de Medicina Nova Esperança, João Pessoa (PB). naldo.q@hotmail.com

[4] Acadêmicos de Odontologia, Universidade Federal de Campina Grande, Patos (PB).

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

seletividade bacteriana, podendo causar resistência a determinados micro-organismos, aumentando assim o risco de infecção e dificultando o trabalho curativo e preventivo possivelmente necessários por cirurgiões dentistas.

Palavras-chave: Medicamentos, drogas, toxidade medicamentosa.

ABSTRACT - Self-medication, as well as erroneous medical prescriptions, may cause several damages and losses, along with undesired effects, iatrogenies, and it also may hide evolutionary illnesses, thus becoming an important problem to be prevented. The data presented in this paper are part of a research done in the city of Patos-PB in public schools with the objective of running a profile on teenagers' self-medication and the most commonly used medicines among them, between the ages of 15 and 20. The painkillers, non-steroidal anti-inflammatory drugs and antibiotics are the top drugs used by dentists. There is, then, a direct link with the attained results, where cough medicines (19%), anti-inflammatory drugs (16%), painkillers (13%) and antibiotics (12%) were found to be the most consumed types of drug among the samples. This suggests that self-medication is a reflex of the population's characteristics and habits, and it is considerably influenced by old prescriptions, in which its reuse or incorrect use affects its quality, due to bacterial selectivity. This may cause resistance to some microorganisms, therefore increasing the risk of infection and encumbering any possible curative or preventive measures that dentists might need to employ.

Keywords: Medicines, drugs, medicine toxicity.

INTRODUÇÃO

De acordo com Paulo e Zanine (1998), "a automedicação é um procedimento caracterizado fundamentalmente pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em obter ou produzir e utilizar um produto que acredita lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas" ou ainda a prescrição ou orientação de medicamentos por pessoas não habilitadas (ARRAIS et al., 1997; VILARINO et al., 1998). Para tal, podem ser utilizados medicamentos industrializados ou remédios caseiros (HAAK, 1989).

A automedicação inadequada, tal como a prescrição errônea, pode ter como consequência efeitos indesejáveis, colaterais acentuados e mascaramento de doenças evolutivas, representando, portanto, problema a ser prevenido. É evidente que o risco dessa prática está correlacionado com o grau de instrução e informação dos usuários sobre medicamentos, bem

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

como com a acessibilidade dos mesmos ao sistema de saúde. Certamente a qualidade da oferta de medicamentos e a eficiência do trabalho das várias instâncias que controlam este mercado também exercem papel de grande relevância nos riscos implícitos na automedicação (HAAK, 1989, PAGÁN et al., 2006).

Para a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), a saúde também se inicia na escola, e dessa forma o estímulo ao protagonismo infanto-juvenil dos escolares, orientando para estilos de vida saudável e informando sobre fatores de riscos para a saúde devem ser estimulados. Assim a escola pode ser uma grande referência e influenciar atitudes de alunos, familiares e profissionais de educação, sendo um espaço estratégico para a promoção da saúde (BRASIL, 2012).

Barba et al. (2003) corroboram com Buss (2003) ao mencionar que para se trabalhar a promoção de saúde na escola é necessária uma visão intersetorial. Os setores educação e saúde devem estar aliados na promoção de saúde nas escolas, principalmente, porque esta questão se insere na constituição do conhecimento crítico, no estímulo a autonomia, no exercício de direitos e deveres, ás habilidades com opção por atitudes mais saudáveis e ao controle das suas condições de sua saúde e qualidade de vida.

Fatores econômicos, políticos e culturais têm contribuído para o crescimento e a difusão da automedicação no mundo, tornando-a um problema de saúde pública. Mais disponibilidade de produtos no mercado gera maior familiaridade do usuário leigo com os medicamentos. Além disso, o processo de globalização da economia desvincula o Estado da condição de força motriz do desenvolvimento socioeconômico, e o ajustamento das contas internas resulta numa redução dos investimentos sociais, entre eles, os gastos com saúde. Para os países pobres, o acesso da população aos serviços de atenção formal à saúde é dificultado, e os gastos com a produção e distribuição de medicamentos essenciais são contidos. Nos países desenvolvidos, cresce a pressão para a conversão de medicamentos POM (Prescribed Only Medicines), de venda condicionada à apresentação da receita, em medicamentos OTC (Over the Counter), vendidos livremente (LOYOLA FILHO et al., 2002).

A automedicação é um fenômeno potencialmente nocivo à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é inócuo ao organismo. O uso indevido de substâncias e até mesmo

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

drogas consideradas “banais” pela população, como os analgésicos, pode acarretar diversas consequências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, sintomas de retirada e ainda aumentar o risco para determinadas neoplasias. Além disso, o alívio momentâneo dos sintomas encobre a doença de base que passa despercebida e pode, assim, progredir ao óbito (VILARINO et al., 1998).

A automedicação, bem como o crescente e, muitas vezes, abusivo, errôneo e indiscriminado número de prescrições, está ocorrendo mundialmente. No Brasil, a partir de 1980, tem-se tentado mudar a política de medicamentos pelas medidas adotadas pela Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Medicamentos. Dentre as principais medidas que de imediato foram adotadas, temos a rígida restrição do licenciamento de associações medicamentosas e a implantação de normas que cobrem as principais necessidades do Brasil na área de medicamentos como formulário de cadastro de produtos, nomes genéricos de substâncias farmacologicamente ativas, bula padrão, entre outros (SIMÕES; FARACHE FILHO, 1988).

Estudos de base populacional sobre a Prevalência e os fatores associados à automedicação são raros. Em dois povoados do Sul da Bahia, verificou-se uma prevalência de automedicação igual a 74,0%, tendo sido os antibióticos, antihelmínticos

e antimicóticos os medicamentos não prescritos mais consumidos. Em um município de médio porte do Rio Grande do Sul (Santa Maria), encontrou-se uma prevalência de 53,3% de automedicação, tendo sido os analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios não esteróides os medicamentos mais consumidos (49,2%), (LOYOLA FILHO et al., 2002).

Segundo Tourino et al. (2008) armazenar medicamentos nos domicílios é uma prática comum no Brasil e em outras partes do mundo, podendo representar um potencial risco para o surgimento de agravos à saúde. A farmácia domiciliar, frequentemente depositada em ambientes e recipientes inadequados, propicia diversas possibilidades de consumo irracional e desperdício, incluindo a facilitação da automedicação não responsável, bem como o aumento do risco de exposições tóxicas não intencionais (principalmente em crianças pequenas) e intencionais. Embora a “automedicação responsável” (consumo de medicamentos que não requer prescrição médica para tratamento sintomático) possa, eventualmente, reduzir a “pressão” no sistema de saúde onde ele é de difícil acesso, tal procedimento é contestado e não insento de riscos.

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

Segundo Simões et al. (2000) a planta medicinal utilizada em medicamentos é um xenobiótico, isto é, um produto estranho ao organismo humano, nele introduzido com finalidades terapêuticas. Como todo corpo estranho, os produtos de sua biotransformação são potencialmente tóxicos e assim devem ser encarados até

prova em contrário.

Segundo Pierce (1975) que "a sociedade de consumo, ao mesmo tempo em que promove, por todos os seus canais de comunicação, a idéia de que qualquer sofrimento, qualquer dor, qualquer estado, enfim, que fuja daquilo que ela institui como padrão, inclusive estético; por outro lado, oferece a solução mágica na ponta dos dedos: os comprimidos".

O presente estudo teve como objetivo traçar o perfil da automedicação de adolescentes na faixa etária de 15 a 20 anos das escolas da rede estadual de ensino médio e fundamental da cidade de Patos-PB, bem como promover a conscientização e a formação de um senso crítico a respeito do tema abordado.

MATERIAL E MÉTODOS

O projeto foi desenvolvido no município de Patos – PB, tendo como público alvo alunos do ensino fundamental e médio da rede pública, restringindo-se a zona urbana. Havendo dois momentos, o primeiro consistiu na coleta de dados em farmácias e mercados populares que teve como instrumento um questionário fechado e aberto no qual recolhia informações sobre a procura de medicamentos sem prescrição médica, quais os fármacos mais solicitados, o motivo do uso, a origem da recomendação do medicamento solicitado e se estes estabelecimentos realizavam a comercialização nestas condições.

No segundo momento, foram incluídos 131 alunos de três escolas da rede municipal de patos, sendo 78 mulheres e 53 homens para os quais foram apresentadas palestras educativas em uma linguagem simples e adequada ao nível sócio-cultural dos mesmos, utilizando um aparelho data show e um notebook para que assim ocorresse uma maior interação entre os alunos extensionistas e os ouvintes, culminando em um melhor resultado de trabalho. Foram abordados

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

temas como os riscos da automedicação, enfatizando os principais efeitos colaterais dos medicamentos mais consumidos nas farmácias da cidade.

Concomitantemente, foram aplicados 131 questionários a todos os integrantes das palestras. Os questionários foram compostos também de perguntas fechadas e abertas para mensuração das variáveis dependentes (automedicação) e independente (sexo, idade e motivação), além de apresentar questões de verificação para a checagem da qualidade das informações prestadas.

A análise dos dados foi realizada manualmente mediante as estatísticas recolhidas, de forma isolada as respostas foram quantificadas e comparadas por sexo.

RESULTADOS

Num total de 131 entrevistados, realizados em três escolas da rede pública de Patos-PB, 78 foram respondidos por mulheres com média de idade de 19,8 e 53 por homens com média de idade de 17,5.

Dentre as perguntas feitas obteve-se que 95% das mulheres já usaram ou compraram medicamentos sem receita médica, resultado bastante semelhante para os homens que foi de 96%, conforme pode ser visto no Gráfico 1 e 2.

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

Gráfico 1: Percentual de mulheres que usaram ou compraram medicamentos sem receita médica



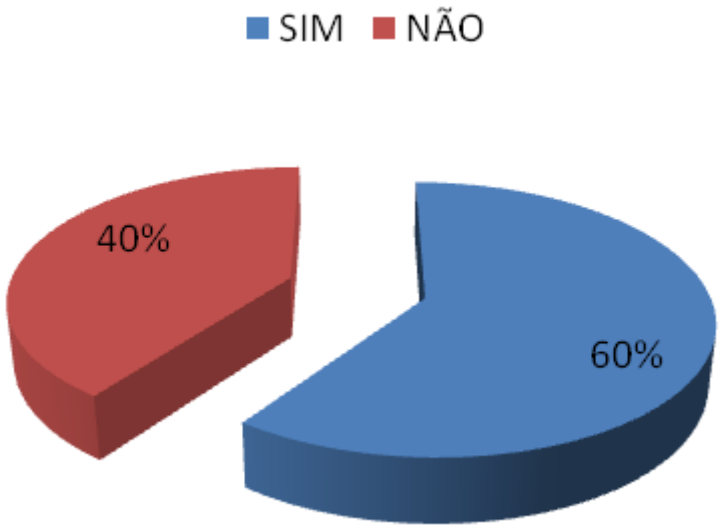
Gráfico 2: Percentual de homens que usaram ou compraram medicamentos sem receita médica



Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

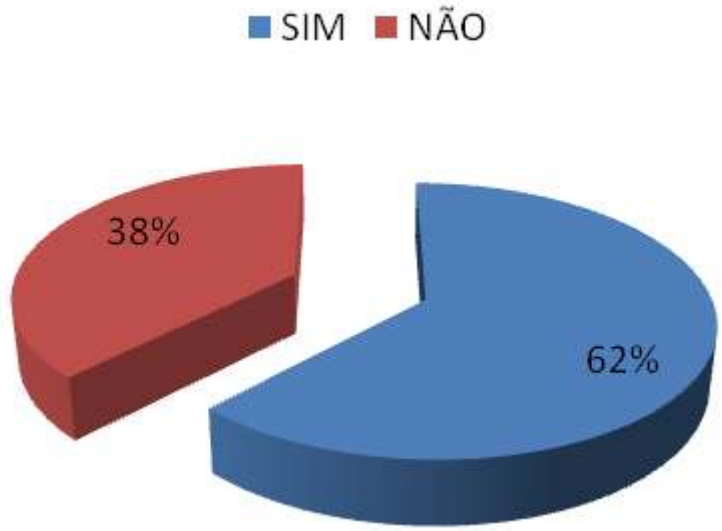
Observou-se também que 60% das mulheres aconselharam-se com o farmacêutico ou balconista e 62% dos homens igualmente optaram por uma instrução do vendedor do medicamento, seja esta em relação ao preço ou outra marca comercial (Gráfico 3 e 4).

Gráfico 3: Percentual de mulheres que já aconselharam-se com o farmacêutico ou balconista



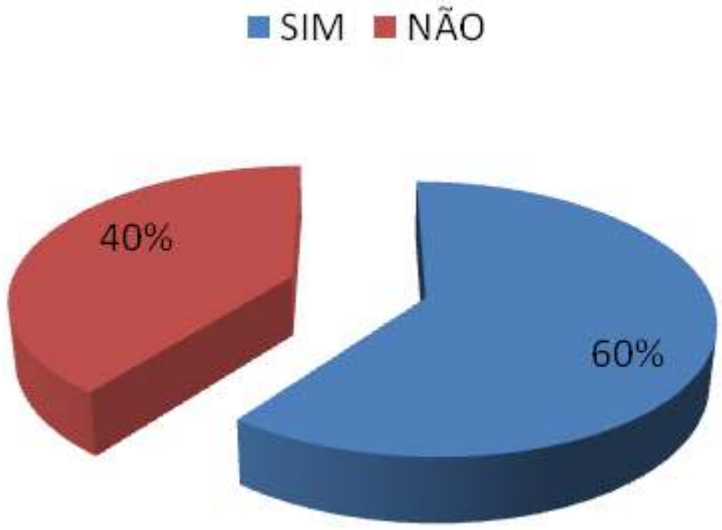
Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

Gráfico 4: Percentual de homens que já aconselharam-se com o farmacêutico ou balconista



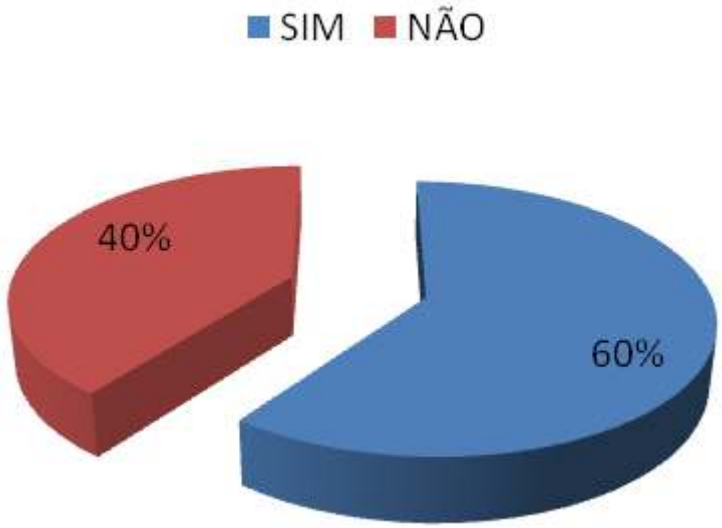
No entanto 60% dos homens e mulheres receberam conselhos não solicitados (Gráfico 5 e 6).

Gráfico 5: Percentual de homens que já receberam conselhos não solicitados na farmácia



Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

Gráfico 6: Percentual de mulheres que já receberam conselhos não solicitados na farmácia



Em relação a parâmetros como o uso de receitas antigas, 52% das mulheres fizeram uso desta, com uma diminuição de 10% em relação aos homens que foi de 42% (Gráfico 7 e 8).

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

Gráfico 7: Percentual de mulheres que já se basearam em receitas antigas

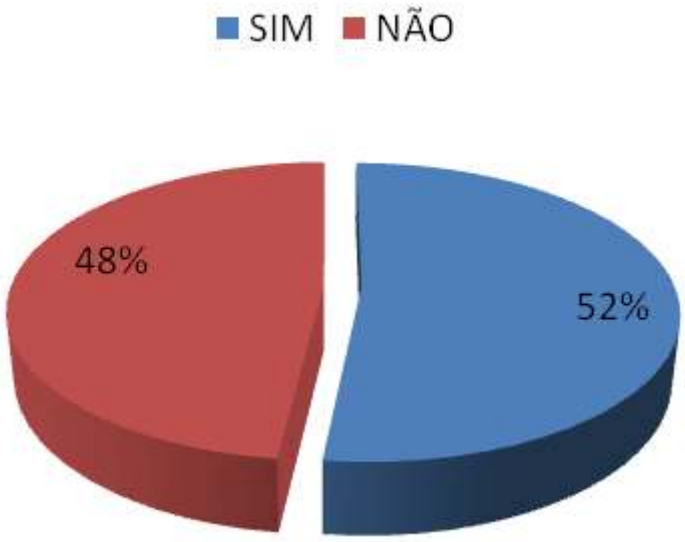
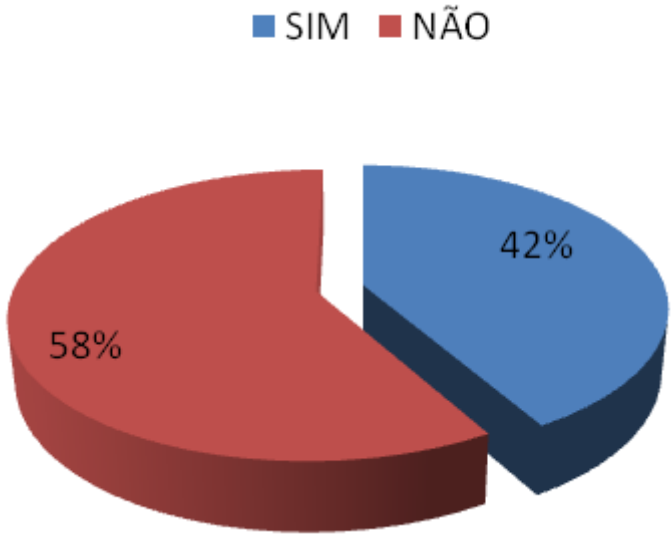


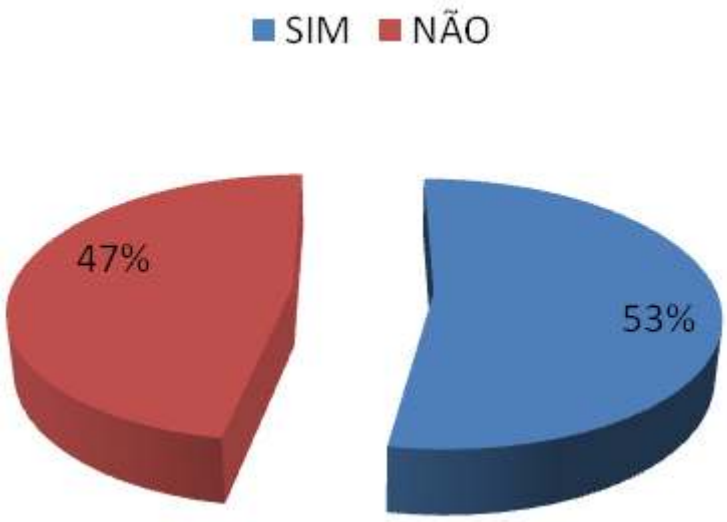
Gráfico 8: Percentual de homens que já se basearam em receitas antigas



Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

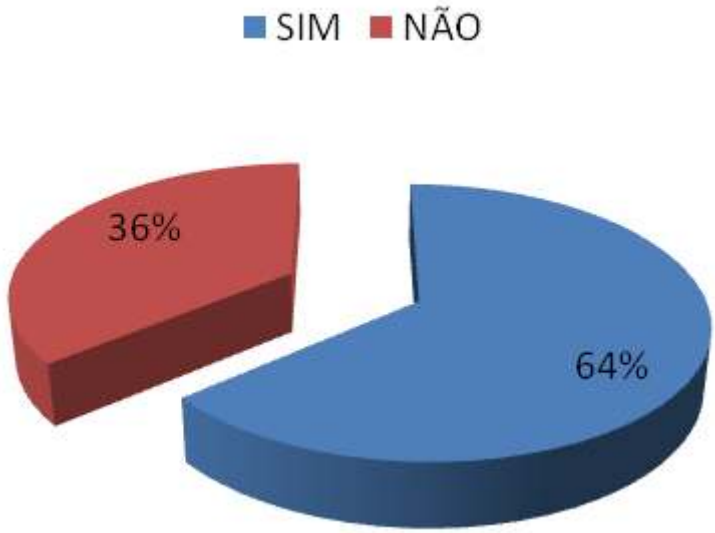
Sendo a bula um importante apoio de orientação, quanto a utilização destas as repostas obtidas foram positivas, 53% dos homens e 64% das mulheres seguem as instruções da bula (Gráfico 9 e 10).

Gráfico 9: Percentual de homens que seguem as instruções da bula



Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

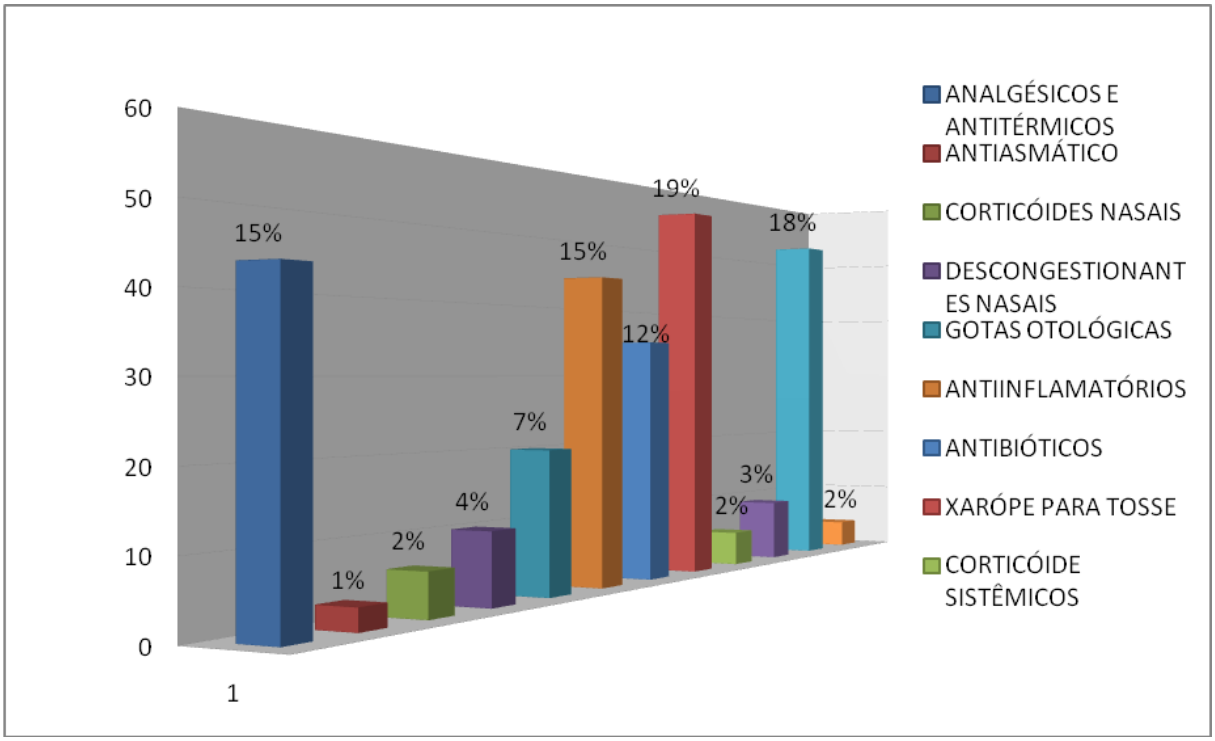
Gráfico 10: percentual de mulheres que seguem as instruções da bula



Quanto aos medicamento mais utilizados pelas mulheres foram que 19% era xarope para tosse, 18% remédios para resfriados, 15% analgésicos e antitérmicos, 15% antiinflamatórios, 12% antibióticos, 7% gotas otológicas, 4% descongestionante nasal, 3% antialérgicos, 2% corticóides nasais, 2% corticóides sistêmicos, 2% outros medicamentos e 1% antiasmático (Gráfico11).

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

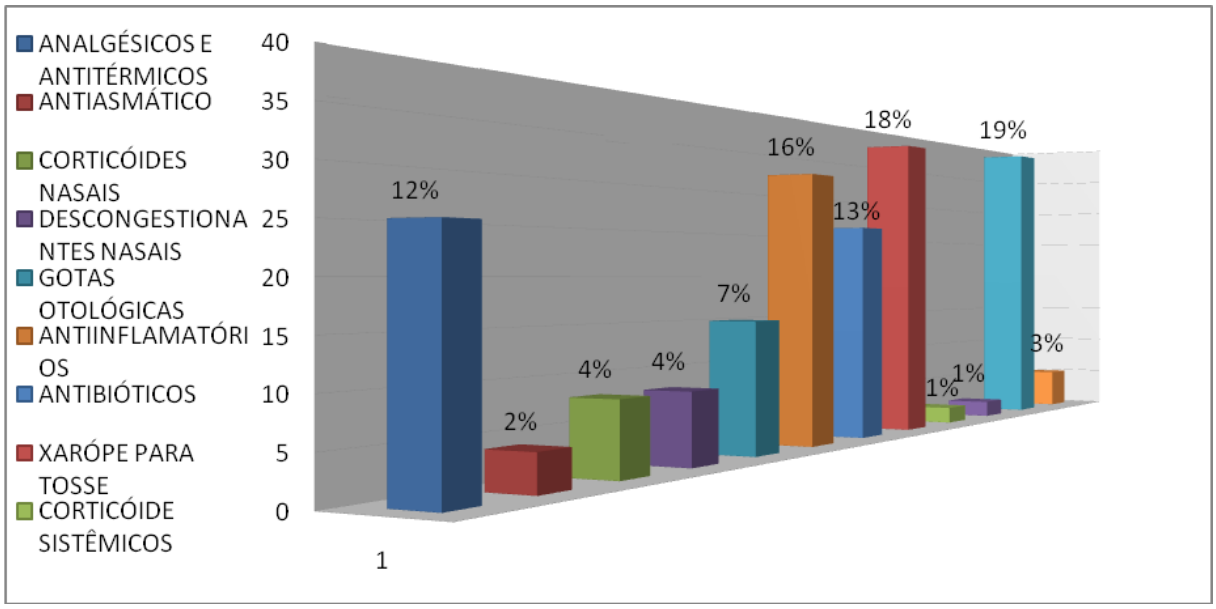
Gráfico 11: Percentual de medicamentos mais utilizados por mulheres



Os medicamentos mais utilizados pelos homens são 19% remédios resfriados, 18% xarope para tosse, 16% antiinflamatórios, 13% antibióticos, 12% analgésicos e a antitérmicos, 7% gotas otológicas, 4% corticóides nasais, 4% descongestionantes nasais, 3% outros medicamentos, 2% antiasmáticos, 1% corticóides sistêmicos e 1% antialérgicos (Gráfico 12).

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

Gráfico 12: Percentagem de medicamentos mais utilizados por homens



Além do aconselhamento com o farmacêutico ou balconista, 68% dos homens e 63% das mulheres pediram opinião a terceiros. Quanto aos homens 19% aconselharam-se com o vizinho, 38% com algum parente, 23% com um amigo e 6% outras pessoas. Das mulheres 24% optaram pelo vizinho, 19% com o parente, 23% com um amigo e 5% com outras pessoas.

Outro fator avaliado foi a duração do uso dos medicamentos, quanto aos homens 21% usaram por um dia, 15% durante 2 dias, 30% de 3 à 5 dias e 32% mais de 5 dias. As mulheres 19% por um dia, 9% durante 2 dias, 28% de 3 à 5 dias e 30% mais de 5 dias.

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo sugerem que a automedicação no município de Patos é praticada principalmente por homens (96%). Entre estes, observou-se que 62% já se aconselharam com o balconista ou farmacêutico. Com relação as mulheres, os valores apresentados foram semelhantes ao dos homens, correspondendo a 95% as que praticavam

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

automedicação, sendo que 60% destas já receberam orientação. O referente estudo apresentou resultado diferente do apresentado em pesquisas realizadas por Arrais et al. (1997) e Vilarino et al. (1998) em que a prática da automedicação foi mais prevalente em mulheres.

A escolha de medicamentos foi baseada na recomendação de pessoas leigas, como parentes ou conhecidos, vizinhos, amigos e outros. Os homens foram aconselhados principalmente por parentes (38%), seguido de amigos (23%), já as mulheres foram influenciadas basicamente por vizinhos (24%) e por amigos (23%). Segundo Simões e Farache Filho (1988) uma automedicação de (19,8%) foi atribuída à orientação de pessoas do relacionamento do paciente (9,1%) ou a uma escolha pessoal (10,7%). Estas constituem, na realidade, fontes secundárias, ficando encoberta a fonte original que gerou o conhecimento e influenciou sobre a seleção do remédio (médico, farmacêutico ou meio de comunicação de massa).

Esses resultados podem estar relacionados a fatores econômicos, políticos e culturais que têm contribuído para o crescimento e a difusão da automedicação no mundo, tornando-a um problema de saúde pública, haja visto, que a disponibilidade de produtos no mercado gera maior familiaridade do usuário leigo com os medicamentos, além de que, compartilhar medicamentos com outros membros da família ou outros moradores do domicílio e utilizar sobras de medicamentos (prescritos ou não) guardados no domicílio são duas modalidades de automedicação que podem ser favorecidas por um maior número de moradores do domicílio (Alexandri et al., 2012).

Outro dado relevante que foi avaliado consistiu na influência de prescrições anteriores, 42% para homens e 52% para mulheres, dados superiores aos encontrados por (SIMÕES; FARACHE FILHO, 1988). Leite et al., (2008) citam que uma das formas mais relatadas pelos usuários de "indicação" do medicamento para sua utilização é uma prescrição médica para um episódio anterior, com 47% das prescrições atendidas em farmácias na Argentina. O uso de receitas antigas pode estar relacionado á dificuldade de acesso aos serviços públicos de saúde, bem como a falta de disponibilidade á procura dos devidos serviços. No entanto, um estudo realizado no Canadá, verificou que a automedicação era mais frequente entre aqueles que usavam serviços de saúde com mais frequência, ao passo que em outro trabalho o oposto foi observado. Alguns autores consideram que a existência de associação negativa entre a automedicação e o uso de

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

serviços de saúde seria um indicador de que o consumo de medicamentos sem receita substitui a atenção formal à saúde (Alexandri et al., 2012).

Grande parte dos medicamentos foram adquiridos para uso familiar, o que é compreensível do ponto de vista econômico, mas possibilita problemas tais como inadequação e incompletude dos tratamentos, resistência bacteriana e contaminação cruzada de pessoas da família pelo uso de colírios, gotas nasais e outros (ARRAIS et al., 1997; VILARINO et al., 1998)

Quanto ao tipo de medicamento utilizado pelos homens, houve uma predominância do uso de gotas oftálmicas (19%) que possui forma farmacêutica de difícil uniformização e apresenta a necessidade de lavagem das mãos antes e após o uso para evitar o risco de contaminação cruzada, o que é desconhecido pela maioria dos pacientes que se automedicam. Os antiasmáticos corresponderam a 18%, sendo bastante preocupante, pois segundo recomendações atuais, o tratamento da asma leva em conta dois domínios: limitação funcional e risco. Em seguida os analgésicos e antitérmicos representam 13%, o que é um fato comum tanto na automedicação praticada no Brasil como em outros países (ARRAIS et al., 1997; BI et al., 2000; LOYOLA FILHO et al., 2002), devido a ocorrência de sintomas considerados simples como a presença de cefaléia, que requerem rápida resolução. Já as mulheres, apresentaram uma maior procura por antiasmáticos (19%), seguido de analgésicos e antitérmicos (18%), que está relacionado principalmente a queixa de sintomas como cólicas abdominais durante o período menstrual, cefaléia, dor no corpo e outros. Vilarino et al. (1998) citam que dos medicamentos utilizados na automedicação 49,2% pertenciam ao grupo de analgésicos/antitérmicos/antiinflamtórios não esteroides (AINES) e que a cefaleia foi a principal queixa motivadora da automedicação (28,8%), seguida por sintomas respiratórios (14,7%) e digestivo (9,6%). Com relação a duração dos medicamentos utilizados, 32% dos homens e 29% das mulheres fizeram uso da automedicação por mais de 5 dias.

Em alguns países, a prática da automedicação é vista como forma de reduzir os custos com o sistema de saúde. Ações são necessárias para avaliar cuidadosamente a relação risco/benefício dessa prática e os medicamentos passíveis de serem disponibilizados sem prescrição, objetivando a promoção e a proteção à saúde individual e comunitária. Entre os profissionais de saúde, o farmacêutico tem o papel de orientar a população quanto ao uso

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

correto dos medicamentos sendo desta forma um profissional de extrema importância na elaboração e implementação de medidas que tenham como objetivo este fim. Nascimento (2003) lista que os prejuízos e riscos mais frequentes da automedicação são: gastos supérfluos, atraso no diagnóstico e na terapêutica adequada, reações alérgicas, intoxicação, agressões ao sistema digestivo, entre outros.

López e Kroeger (Apud ARRAI, 1998) em estudo com intervenções educativas, demonstraram a dificuldade de modificar os hábitos da população em relação aos medicamentos, enfatizando a necessidade de conhecer o valor simbólico e expectativas associadas ao medicamento. Mudanças no modo de utilizar medicamentos somente são viáveis quando se radicam em ações educativas prolongadas, uma vez que o desmonte e reestruturação da carga simbólica vinculada aos medicamentos exige tempo.

Tais resultados reforçam a necessidade de se informar a população sobre o uso adequado de medicamentos, além de medidas cabíveis que garantam a oferta de produtos necessários, eficazes, seguros e de preço acessível.

CONCLUSÕES

A automedicação é uma prática extremamente nociva á saúde, sendo utilizada entre os povos desde a antiguidade. Esse fato se dá devido à impossibilidade de acesso aos atendimentos médicos, questões financeiras, hábito de querer solucionar os problemas de saúde, ainda que tenham poder aquisitivo para tal. Outro fato que pode estar fortemente associado é a falta de estrutura no sistema de saúde. As propagandas também contribuem decisivamente no que refere à automedicação, ocasionando problemas de saúde para as pessoas.

A desinformação com relação aos riscos que podem ser desenvolvidos em decorrência da prática da automedicação é um fator bastante considerável, pelo fato de que são diversas as complicações que podem ser desenvolvidas, como reações alérgicas de grande proporção que podem levar o paciente á óbito. Essa desinformação a respeito da automedicação contrasta com as propagandas excessivas que estimulam desenfreadamente esta prática.

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

Com relação ao grau de escolaridade, observou-se que os indivíduos com baixo grau de escolaridade têm pouco ou nenhum conhecimento sobre os riscos da automedicação. No entanto, atualmente há uma tendência da prevalência da automedicação entre pessoas com maior grau de escolaridade, levando em conta que o conhecimento pode dar maior segurança a esta prática.

Pacientes hipocondríacos, poliqueixosos e sibercondríacos estão muito mais propensos a se envolverem com a automedicação e autoprescrição, principalmente com o advento da internet e as informações que esta contém sobre os mais variados tipos de doenças e tratamentos.

Portanto, conclui-se que não há como acabar com a automedicação, talvez pela própria condição humana de testar e arriscar decisões. Há, contudo, meios para minimizá-la, sendo esta a proposta do projeto.

Conseguimos proporcionar uma maior conscientização dos adolescentes, que por sua vez se mostraram bastante interessados nas atividades realizadas, apresentando muitas dúvidas, sendo o diálogo ferramenta importante no aprendizado dos mesmos. Alguns professores se interessaram pelo tema, e assim como os alunos faziam muitas perguntas, o que fica nítido a necessidade de capacitação destes para contribuir com a elucidação deste tema frente aos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRI. A.M.; FOPPA, A.A.; ELTER, A.C.; CAMPOS, C.M.T.; CUNHA, H.P.; SCHERER, M.L.S.; ROVER, M.R.M.; ZANNIN, M. Atividades de educação em saúde envolvendo o uso racional de medicamentos. Escola de educação básica José Boiteux, município de Florianópolis. **Rev. Infarma**, v.24, n 4/6, p. 36-41, 2012.

ARRAIS. P.S.D.; COELHO, H.L.L.; BATISTA, M.C.D.S.; CARVALHO,M.L.; RIGHE, R.E.;ARNAL, J.M. Perfil da automedicação no Brasil. **Revista Saúde Pública**, n.31, (1):71-7, 1997.

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

BARBA, P.C.S.D; MARTINEZ, C.M.S.; CARRASCO, B.G**.** Promoção da saúde e educação infantil: caminhos para o desenvolvimento. **Paidéia (Ribeirão Preto) [online]**. vol.13, n.26. 2003

BI, P.; TONG, S.; PARTON, K. A. Family self-medication and antibiotics abuse for children and juveniles in a Chinese city. **Social Science Medicine**, New York, v. 50, p.1445-1450, 2000.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Uso racional de medicamentos: temas selecionados / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 156 p. : il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

BUSS, P. M. Uma introdução ao conceito de Promoção da Saúde. In: CZERASNIA, Dina.(org.) **Promoção de Saúde: conceitos, reflexões, tendência**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p.15-38.

HAAK, H. Padrões de consumo de medicamentos em dois povoados da Bahia (Brasil). **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 23, p.143-161, 1989.

LEITE SN, VIEIRA M, VEBER AP. Drug utilization studies: a synthesis of articles published in Brazil and Latin America. **Ciência e Saúde Coletiva** v.13, p.793-802, 2008.

LOYOLA FILHO, A. I.; UCHOA, E.; GUERRA, H. L., LIM A-COSTA M.F. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 1, p.55-62, 2002.

NASCIMENTO, M.C. **Medicamentos: ameaça ou apoio à saúde?: vantagens e perigos do uso de produtos da indústria farmacêutica mais consumidos no Brasil: vitaminas, analgésicos, antibióticos e psicotrópicos**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2003, 200p.

PAGÁN, J. A.; ROSS, S.; YAU, J.; POLSKY, D. Self-medication and health insurance coverage in Mexico. **Health Policy**, Armsterdam, v. 75, p.170-177, 2006.

PAULO LG, ZANINE AC. Automedicação no Brasil. **Rev Assoc Med Bras,** v.34, p.69-75, 1988

PIERCE, C.S. *Semiótica e filosofia*. Sao Paulo: Cultrix; 1975.

Temas em Saúde
Volume 14 Número 2
ISSN 1519-0870

SIMÕES, C.M.O.; SCHENKEL, E. P.; GOSMANN, G.; MELLO, J. C. P.; MENTZ, L. A.; PETROVICK, P. R **Farmacognosia, da planta ao medicamento.** 2 edição. Ed, Da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000. 182p.

SIMÕES, M. J. S; FARACHE FILHO, A. Consumo de medicamentos em região do Estado de São Paulo (Brasil). **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 22, n. 06, p.494-9, 1988.

TOURINO, F. S. V.; BUCARETCHI, F.; STEPHAN, C.; CORDEIRO, R. Farmácias domiciliares e sua relação com a automedicação em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria**. 84 (5): 416-422, 2008.

VILARINO, J.F; SOARES, I.C; SILVEIRA, C.M.; RÖDEL, A.P.P.; BORTOLI, R.; LEMOS, R.R. Perfil da Automedicação em município do Sul do Brasil. **Rev. Saúde Pública.** Vol. 32 , nº 1, p. 43-9, 1998.